

**“Sou Nujood,
DEZ
ANOS
&
divorciada”**

Quando a família não a ajudou a fugir do horror em que sua vida se transformara, Nujood agiu por conta própria

Por Nujood Ali e Delphine Minoui



Minha cabeça gira; nunca vi tanta gente assim. No pátio fora do tribunal, uma multidão se agita em todas as direções: homens de terno e gravata com pastas amareladas debaixo do braço; outros homens de *zanna*, túnica até os tornozelos tradicional no norte do Iêmen; e todas essas mulheres gritando e chorando tão alto que não consigo entender nada. É como se eu fosse invisível. Ninguém me vê: sou pequena demais para eles. Só tenho 10 anos, talvez nem isso. Quem sabe?

Todos dizem que os juízes ajudam quem precisa. Por isso tenho de achar um deles e lhe contar minha história. Sinto-me exausta. Está quente debaixo do véu, minha cabeça dói e sinto muita vergonha.

Noto que um homem de camisa branca e terno preto vem na minha direção. Um juiz, talvez, ou advogado?

- Com licença, senhor, quero ver o juiz.

- Por ali, subindo a escada - responde ele, que mal me olha antes de sumir na multidão. Meus pés parecem feitos de chumbo quando finalmente piso no chão de mármore.

Espio um grupo de homens fardados. Se me virem, podem me prender. Uma menininha que fugiu de casa. Trêmula, agarro discretamente o primeiro véu que passa, na esperança de chamar a atenção da mulher que ele encobre.

- Quero falar com o juiz.

Dois grandes olhos emoldurados de preto me fitam surpresos.

- Que juiz você procura?

- Leve-me a um juiz... não importa qual!

Ela me olha espantada.

- Venha comigo - diz a mulher, finalmente.

A porta se abre e revela uma sala cheia de gente; na outra ponta, atrás de uma mesa, um homem de bigode e rosto magro. Finalmente, o juiz. Sento-me, descanso a cabeça no encosto da cadeira e espero minha vez.

- E o que posso fazer por você? - uma voz masculina me desperta do cochilo. É uma voz estranhamente gentil. Esfrego os olhos e reconheço, em pé na minha frente, o juiz de bigode. A sala está quase vazia.

- Quero o divórcio!

Khardji

Em Khardji, aldeia onde nasci no Iêmen, as mulheres não aprendem a escolher. Quando tinha uns 16 anos, Shoya, minha mãe, se casou com meu pai, Ali Mohammad al-Ahdel, sem protestar. E, quatro anos depois, quando ele decidiu escolher uma segunda esposa, minha mãe, obediente, aceitou a decisão. Foi com essa mesma resignação que, a princípio, concordei com



Da esquerda para a direita: Mohammed (irmão), mãe, Nujood, pai, Haifa, Morad, Assil, Rawdha, Khaled, Abdo.

meu casamento, sem perceber o que estava em jogo. Na minha idade, ninguém faz muitas perguntas.

Omma – mamãe – me teve do jeito que teve todos os 16 filhos: em casa. Cresci vendo *omma* cuidando da casa, ansiosa pelo dia em que eu tivesse idade suficiente para ir com minhas duas irmãs mais velhas buscar água na fonte. Eu tinha 2 ou 3 anos quando houve uma briga violenta entre meu pai e os outros aldeões. Eu só sabia que Mona, a segunda filha e com no máximo 13 anos, se casara de repente. Tivemos de partir de imediato.

Nossa chegada a Sana'a foi um choque. A capital era uma confusão de

poeira e barulho. Fomos morar numa favela no bairro Al-Qa. Meu pai finalmente conseguiu emprego de varredor no órgão de limpeza pública. Dois meses depois da partida, Mona chegou com o marido que se impusera à vida dela tão de repente.

Na escola do bairro, fui muito bem no primeiro ano e mal começara o segundo. Numa noite de fevereiro de 2008, *aba* – papai – me disse que tinha boas-novas: “Nujood, você vai se casar.”

A notícia veio do nada. Não entendi direito. A princípio, me senti quase aliviada, porque a vida em casa se tornara impossível. Depois

de perder o emprego de varredor de rua, *aba* não conseguira mais trabalho fixo, e o aluguel vivia atrasado. Meus irmãos se juntaram aos vendedores de rua que, nos sinais de trânsito, batiam nas janelas dos carros parados na esperança de vender uma caixa de lenços de papel por alguns tostões. Depois, foi minha vez e da minha irmã Haïfa de tentar aquilo. Não gostei.

Agora com mais frequência, *aba* passava as tardes mascando *khat* com os vizinhos. Afirmava que aquilo o ajudava a esquecer os problemas. Foi durante uma dessas sessões de *khat* que um homem de uns 30 anos o procurou: “Gostaria de unir as nossas famílias”, disse ele, que se chamava Faez Ali Thamer e trabalhava como entregador.

Ele viera de Khardji como nós e procurava uma esposa. Meu pai aceitou a proposta. Como a próxima da fila depois das duas irmãs mais velhas, a lógica era que eu me casasse.

Naquela noite, ouvi uma conversa entre Mona e nosso pai.

– Nujood é nova demais para se casar – insistia Mona.

– É a melhor maneira de protegê-la. Não será estuprada por um estranho nem vítima de boatos maldosos. Esse homem parece honesto. Prometeu não tocar em Nujood até ela ficar mais velha. Além disso, não temos dinheiro suficiente para alimentar a família inteira.

Minha mãe não disse nada. Parecia triste, mas resignada. Em nosso país, é o homem quem dá as ordens.

Meu casamento

Os preparativos para o casamento foram rápidos, e logo percebi meu infortúnio quando a família do meu futuro marido decidiu que eu teria de abandonar os estudos. Eu adorava a escola. Era meu refúgio, uma felicidade só minha.

No dia do meu casamento, minhas primas começaram a gritar e a bater palmas ao me verem chegando. Mas eu mal conseguia ver o rosto delas, pois tinha os olhos cheios de lágrimas. Avancei lentamente para não tropeçar na roupa, que era grande demais para mim. Tinham me vestido às pressas com uma túnica comprida de um tom chocolate desbotado que pertencia à mulher do meu futuro cunhado. Uma parenta prendera meu cabelo num coque que me pesava na cabeça.

Mal tinham se passado duas semanas desde que eu fora pedida em casamento. As mulheres comemoraram na minúscula casa dos meus pais; éramos 40. Enquanto isso, os homens se reuniram na casa de um dos meus tios. Quando haviam assinado o contrato de casamento, dois dias antes, o evento também fora só para homens. Combinaram meu dote em 150 mil reais (cerca de 540 euros).

Ao pôr do sol, os convidados foram embora e eu adormeci, totalmente vestida. Na manhã seguinte, *omma* me acordou. Minha trouxinha estava diante da porta. Quando um carro buzinou, minha mãe ajudou a me cobrir com uma capa e um véu pretos e me avisou: “A partir de hoje, você tem de

se cobrir quando sair à rua. Agora é uma mulher casada. É a honra dele que está em jogo.”

Concordei com tristeza.

No banco traseiro da picape que aguardava diante da porta, um homem baixo me fitava. Vestia uma *zanna* branca comprida e tinha bigode. O cabelo crespo e curto estava cheio de gomalina e o rosto, malbarbeado. Não era bonito. Então aquele era Faez Ali Thamer!

Quando o motor rugiu e o motorista deu a partida, comecei a chorar em silêncio, com o rosto na janela, enquanto via *omma* ficar cada vez menor.

**- POR FAVOR,
DEIXE-ME
EM PAZ -
IMPLOREI.
- VOCÊ É
MINHA
MULHER!**

Uma mulher nos esperava no patamar de uma das casas de pedra de Khardji. Senti na mesma hora que ela não gostara de mim. Minha sogra era velha, com a pele enrugada como a de um lagarto. Mandou que eu entrasse. O interior da casa quase não tinha mobília; eram quatro quartos, uma sala e uma cozinha minúscula.

Devorei o arroz com carne que as irmãs dele tinham preparado. Depois da refeição, alguns adultos da aldeia

se reuniram para mascar *khat*. Ninguém parecia se surpreender com minha pouca idade. Mais tarde, soube que o casamento com meninas pequenas não é raro no interior. Há até um provérbio tribal que diz: “Para garantir um casamento feliz, escolha uma menina de 9 anos.”

Como me senti aliviada quando me levaram para meu quarto! Havia uma esteira comprida no chão: minha cama. Nem precisei apagar a luz para adormecer.

Preferiria nunca mais ter despertado. Quando a porta se escancarou de repente, acordei assustada. Mal abri os olhos quando senti um corpo peludo e úmido se apertando contra mim. Alguém apagara a lâmpada, deixando o quarto totalmente escuro. Era ele! Reconheci-o pelo cheiro forte de cigarro e *khat*. Começou a se esfregar em mim.

- Por favor, deixe-me em paz - implorei quase sem ar.

- Você é minha mulher!

Fiquei de pé num pulo. A porta não estava completamente fechada e, ao espiar um brilho de luz, saí correndo para o pátio.

Ele correu atrás de mim.

- Socorro! Socorro! - eu gritava, chorando.

Minha voz soou na noite, mas era como se eu estivesse gritando no vácuo. Corri, ofegando para respirar. Tropecei em alguma coisa, caí e me levantei para continuar fugindo, mas ele me pegou, me segurou com força, me arrastou de volta para o quarto e por fim me jogou na esteira.

Fiquei paralisada, como se tivessem me amarrado.

Na esperança de encontrar uma aliada, gritei por minha sogra.

– *Amma!* Tia!

Não houve resposta.

Quando ele tirou a túnica, me enrolei como um caracol para me proteger, mas ele começou a puxar minha camisola.

Tentei fugir de novo, gemendo:

– Vou contar para o meu pai!

– Pode contar para o seu pai o que quiser. Ele assinou o contrato de casamento.

– Você não tem esse direito!

Ele começou a gargalhar.

– Você é minha mulher. Agora tem de fazer tudo o que eu quiser!

De repente, foi como se eu tivesse sido levada por um furacão, jogada longe, atingida por um raio, e não tive mais forças para lutar. Alguma coisa ardente invadiu minha parte mais íntima. Por mais que eu gritasse, ninguém veio me ajudar. Doeu demais. Gritei mais uma vez, acho, e desmaiei.

A fuga

Tive de me ajustar depressa à nova vida. Não tinha o direito de sair da casa, de me queixar, de dizer não. Durante o dia, tinha de obedecer às ordens da minha sogra: “Corte os legumes!”, “Limpe o chão!”, “Lave a louça!”. Se parasse um instante, ela puxava meu cabelo.

Certa manhã, eu lhe pedi permissão para brincar com as crianças da

minha idade. “Impossível! Era só o que faltava, você sair e arruinar nossa reputação.”

Ele saía toda manhã e voltava pouco antes do pôr do sol. Toda vez que o ouvia chegar, o mesmo pânico me enchia o coração. Quando a noite caía, sabia que aquilo começaria de novo. A mesma selvageria, a mesma dor, a mesma angústia. No terceiro dia, ele começou a me bater, primeiro com as mãos, depois com um bastão. E a mãe o estimulava.

Sempre que ele se queixava de mim, ela lhe dizia: “Bata nela com mais força ainda. Ela tem de lhe dar ouvidos; é sua mulher.”

Eu vivia com um medo permanente. Sempre que podia, me escondia num canto, perdida e desorientada. Dias e noites se passaram assim. Sentia saudades de Sana’a e da escola, dos meus irmãos e irmãs. Pensava em Haïfa, torcendo para que ela não se casasse como eu.

Certa manhã, incomodado com meu choro incessante, ele disse que me deixaria visitar meus pais. Finalmente! Ele iria comigo e ficaria com o irmão dele em Sana’a, mas depois, insistiu, teríamos de voltar para a aldeia. Corri para juntar minhas coisas.

– **Está fora de questão** você abandonar seu marido! – Eu não esperara essa reação do meu pai, que logo pôs fim à alegria da minha volta. Quanto à minha mãe, ficou calada e só murmurou:

– A vida é assim, Nujood: as mulheres têm de aguentar.

Mas por que ela não me avisara? Agora eu estava presa.

- Nujood - repetiu meu pai -, agora você é uma mulher casada. Tem de ficar com seu marido. Se você se divorciar, meus irmãos e primos vão me matar! A honra vem em primeiro lugar.

- SE VOCÊ SE DIVORCIAR, MEUS IRMÃOS E PRIMOS VÃO ME MATAR!

Eu estava andando em círculos, sem ver uma saída. Meu pai, meus irmãos e meus tios não me dariam ouvidos.

Fui visitar Dowla, a segunda mulher do meu pai, que morava com os cinco filhos num apartamento minúsculo do outro lado da rua. Subi a escada, tapando o nariz para não sentir o mau cheiro do lixo e do banheiro comunitário. Dowla abriu a porta com um vestido preto e vermelho comprido e um enorme sorriso:

- Nujood! Que surpresa ver você outra vez. Bem-vinda!

Eu gostava de Dowla. Alta e magra, era mais bonita do que *omma* e nunca ralhava comigo. Mas a pobre mulher não tivera boa vida. Meu pai a negligenciara totalmente. A pobreza a obrigava a mendigar nas ruas.

Ela me convidou a sentar no grande fardo de palha que ocupava metade do cômodo, junto ao minúsculo fogão onde a água fervia.

- Nujood - arriscou ela -, você parece muito preocupada.

Abri meu coração. E minha história pareceu comovê-la profundamente. Ela pensou um instante, em silêncio, e depois serviu o chá. Ao me entregar a xícara, inclinou-se e me olhou fundo nos olhos.

- Nujood - sussurrou -, se ninguém lhe der ouvidos, você tem de ir diretamente ao tribunal.

- Aonde?

- Ao tribunal!

Mas é claro! Num *flash*, vi imagens de juízes de turbante, advogados apressados, homens e mulheres indo se queixar de problemas familiares, furtos, brigas por heranças. Vira o tribunal num programa a que costumava assistir na casa dos vizinhos.

- Vá ao tribunal - continuou Dowla. - Peça para falar com o juiz; o trabalho dele é ajudar as vítimas.

Abracei Dowla com força, imensamente agradecida. Ela colocou 200 reais na minha mão, toda a quantia - que mal valia 50 centavos de euro - que conseguira mendigar naquela manhã.

No dia seguinte, esperei com impaciência que minha mãe se levantasse.

- Nujood - disse ela, me entregando 150 reais -, vá comprar pão para o café da manhã.

- Sim, *omma* - respondi, obediente.

Peguei a rua que levava à padaria da esquina. Mas, no último minuto, mudei de direção e segui para a avenida principal. Puxei as dobras do véu sobre o rosto. Dessa vez, o *niqab* se mostrou muito útil. Saltei para dentro do micro-ônibus amarelo e bran-

co que se dirigia ao centro da cidade, torcendo para sair do bairro antes que meus pais notassem meu sumiço.

A porta se fechou. Pela janela, vi a cidade passar. “Ponto final!”, gritou o motorista.

Com dedos trêmulos, lhe entreguei algumas moedas. Mas não fazia ideia de onde ficava o tribunal. Estava ansiosíssima. Grudada num poste, tentava organizar os pensamentos quando avistei um táxi. Já tomara táxis quando fora a Bab al-Yemen com Mona.

Levantei a mão e fiz sinal para que parasse: “Quero ir para o tribunal!”, exclamei para o motorista, que me fitou espantado. Ele não imaginava como fiquei grata por não me fazer perguntas.

Com uma freada forte, ele parou o carro junto ao portão de um prédio imponente. O tribunal! Desci logo do carro e entreguei ao taxista o resto do meu dinheiro.

O juiz

O juiz Abdo não consegue esconder sua surpresa.

– Você quer se divorciar?

– É.

– Mas... Quer dizer que é casada?

– Sou!

Os traços dele são distintos. A camisa branca destaca a pele azeitonada. Mas, quando escuta minha resposta, seu rosto se entristece.

– Com essa idade? Como já pode ser casada?

Sem me preocupar em responder à pergunta, repito com voz decidida:

– Quero o divórcio.

Nervoso, ele começa a coçar o bigode. Ah, se pudesse me salvar!

– E por que quer o divórcio? – continua.

Olho-o bem nos olhos.

– Porque meu marido me bate.

É como se eu lhe tivesse dado um tapa na cara. A expressão dele se paralisa de novo. Sem hesitar, me pergunta:

– Você ainda é virgem?

Engulo em seco. Sinto vergonha de falar dessas coisas. Mas nesse instante entendo que, se quiser vencer, tenho de falar.

– Não. Eu sangrei.

Ele fica chocado. Consigo ver sua surpresa e sua tentativa de ocultar as emoções. Depois, respira fundo e diz:

– Vou ajudá-la.

Sinto-me aliviada. Vejo-o pegar o celular e noto que está com a mão trêmula. Com sorte, ele agirá depressa e naquela mesma noite poderei voltar para a casa dos meus pais e brincar com meus irmãos e irmãs como antes. Divorciada! Sem aquele medo de ficar sozinha, ao anoitecer, no mesmo quarto que meu marido.

Um segundo juiz vem nos encontrar na sala e acaba com meu entusiasmo.

– Minha criança, isso pode levar muito mais tempo do que você pensa. E, infelizmente, não posso lhe prometer que conseguirá o que quer.

Esse segundo homem é Mohamad al-Ghazi, o juiz-presidente. Ele diz nunca ter visto um caso como o meu. Os dois me explicam que, no Iêmen, é comum as meninas se casa-

rem muito jovens, com menos do que a idade legal de 15 anos. Uma tradição antiga, acrescenta o juiz Abdo. Mas, até onde ele sabe, nenhum desses casamentos precoces acabou em divórcio, porque nenhuma menininha, até então, tinha ido ao tribunal.

- Teremos de achar um advogado - explica Abdo.

Será que eles entendem que, se eu voltar para casa sem garantias, meu marido irá me buscar e a tortura recomeçará?

- Quero me divorciar! - Franzo bem a testa para mostrar que estou falando sério. O som da minha própria voz me assusta.

- Acharemos alguma solução - murmura al-Ghazi, endireitando seu turbante.

O relógio acaba de dar duas horas, quando todos os escritórios se fecham. Hoje é quarta-feira, e o fim de semana muçulmano está prestes a começar.

- Não há a menor chance de ela voltar para casa - continua. Abdel Wahed, um terceiro juiz, se apresenta para me oferecer ajuda. A família dele tem espaço para me abrigar. Estou salva, pelo menos por enquanto.

Às nove horas da manhã de sábado, estamos na sala de Abdel Wahed no tribunal, com Abdo e Mohammad al-Ghazi, que estava muito preocupado ao dizer:

- De acordo com a lei iemenita, é difícil você entrar com um processo contra seu marido e seu pai.

Como muitas crianças nascidas em

aldeias iemenitas, eu não tinha certidão de nascimento e era jovem demais para entrar com um processo contra alguém. Um contrato fora assinado e aprovado pelos homens da minha família, e era válido, de acordo com a tradição iemenita.

- Por enquanto - disse Mohammad al-Ghazi aos colegas -, temos de agir depressa. Sugiro que ordenemos a prisão temporária do pai e do marido de Nujood. Se quisermos protegê-la, é melhor que estejam presos do que em liberdade.

Prisão! Será que *aba* um dia me perdoaria? Fui tomada pela vergonha e pela culpa.

No Iêmen não havia abrigo para meninas como eu, mas não podia continuar com a família de Abdel Wahed, que já tinha feito tanto por mim.

- Quem é o seu tio favorito? - perguntou um dos juízes.

Achei que a melhor opção seria Shoyi, irmão de *omma*, soldado reformado com certo prestígio na família. Morava com as duas esposas e os sete filhos num bairro não muito longe do nosso. É verdade que não se opusera ao meu casamento, mas pelo menos não batia nas filhas.

Shoyi não me fez muitas perguntas e deixou que eu brincasse com minhas primas. No fundo, acho que meu tio ficou tão consternado quanto eu com aquilo tudo.

Nos três dias seguintes, passei a maior parte do tempo no tribunal, torcendo por um milagre. Quantas vezes mais teria de ir lá? Abdo me avisara que meu caso era bastante incomum.

Mas o que fazem os juizes quando enfrentam um caso desses?

Estou aprendendo a resposta com Shada. Todos dizem que ela é uma das melhores advogadas do Iêmen e luta pelos direitos das mulheres. É bonita e tem cheiro de jasmim. Assim que a vi, gostei dela. Não cobre o rosto. Usa uma capa comprida, preta e sedosa, e apenas um véu colorido na cabeça.

Quando veio falar comigo pela primeira vez, vi como me olhou com grande emoção antes de exclamar “Céus!”. Depois, conferiu o relógio, abriu a agenda e reorganizou os compromissos marcados, telefonando para familiares, amigos e colegas; várias vezes, eu a ouvi dizer: “Tenho de assumir um caso importantíssimo.”

Essa mulher parece ter uma determinação infinita.

– Nujood, eu não a abandonarei – ela me sussurra. Sinto-me segura a seu lado. Ela sabe como achar as palavras exatas, e sua voz melodiosa me acalma.

– Pode me prometer que nunca mais voltarei à casa do meu marido?

– Farei o possível para impedir que ele volte a machucá-la. Mas você tem de ser forte, porque pode levar algum tempo. A parte mais difícil já passou. A parte mais difícil foi ter forças para fugir, e isso você fez muito bem. Agora, posso lhe fazer uma pergunta? Como conseguiu reunir coragem para fugir e ir ao tribunal?

– Coragem para fugir? Eu não aguentava mais as maldades dele. Simplesmente não aguentava mais.

O divórcio

O grande dia veio antes do que se esperava. O tribunal estava cheio. A campanha de Shada nos meios de comunicação dera certo; eu nunca vira tantas câmeras. Debaixo do meu véu preto, estou suando muito.

“Nujood, um sorriso!”, grita um fotógrafo. Uma fila de câmeras se forma à minha frente. Agarro-me a Shada. Seu aroma me tranquiliza, aquele cheiro de jasmim que agora conheço tão bem.

Lá no fundo, me sinto totalmente paralisada, incapaz de me mexer. Como acontece um divórcio? E se o monstro simplesmente disser não? E se ele ameaçar o juiz?

Na entrada do tribunal, os câmeras começam a se acotovelar para conseguir um ângulo melhor.

Tremo: vejo *aba* e... o monstro sendo escoltados por dois policiais. Os presos parecem furiosos. Ao passar à nossa frente, o monstro baixa os olhos e depois se vira de repente para Shada.

– Cheia de si, hein? – grunhe.

Shada nem pisca. Seu olhar revela todo o desprezo que sente por ele. Aprendi muito com ela.

– Não lhe dê ouvidos – me diz.

Meu coração pula. Quando ergo os olhos, vejo-me fitando os de *aba*. Ele parece tão nervoso! “Honra”, diz. E, ao ver seu rosto, começo a entender o que significa essa palavra tão complicada.

Vejo nos olhos do meu *aba* que ele está zangado e envergonhado ao mesmo tempo. Estou furiosíssima com



Nujood com Shada.
“Farei o possível para impedir que ele volte a machucá-la”, disse a advogada.

ele, mas não posso deixar de sentir pena também. O respeito dos outros homens: eis o que é tão importante aqui.

Mohammad al-Ghazi, juiz-presidente do tribunal, senta-se atrás da sua mesa alta. O juiz Abdo ocupa a cadeira ao lado dele.

– Em nome de Deus Todo-Poderoso e Misericordioso, declaro aberta a sessão deste tribunal – anuncia al-Ghazi, fazendo sinal para nos aproximarmos.

Shada me sinaliza para segui-la. À nossa esquerda, *aba* e o monstro também avançam. Sinto a multidão ferver atrás de nós. Neste exato momento, parte de mim daria tudo para ser um minúsculo camundongo.

É a vez de o juiz Abdo falar:

– Temos aqui o caso de uma menininha que foi casada contra o seu

consentimento. Depois que o contrato de casamento foi assinado sem o seu conhecimento, ela foi levada à força para a província de Hajja. Lá, o marido a agrediu sexualmente, quando ela sequer atingira a puberdade e não estava pronta para ter relações sexuais. Também a espancou e insultou. Ela veio aqui hoje para pedir o divórcio.

Al-Ghazi bate na mesa algumas vezes com um martelinho de madeira.

– Escute-me com atenção – diz ele à criatura que odeio. – O senhor se casou com essa menininha há dois meses, dormiu com ela, bateu nela. É verdade? Sim ou não?

O monstro pisca e responde:

– Não, não é verdade! Ela e o pai concordaram com o casamento.

Agarro-me à capa de Shada e digo: “Ele está mentindo!”

O juiz se volta para meu pai.

– O senhor concordou com o casamento?

– Concordei.

– Que idade tem sua filha?

– Minha filha tem 13 anos.

Treze? Ninguém nunca me disse que eu tinha 13 anos. Torço as mãos, tentando me acalmar.

- Casei minha filha porque temia que fosse sequestrada.

Não entendo nada do que ele diz. Suas respostas são vagas e complicadas, e as perguntas do juiz ficam cada vez mais incompreensíveis. As vozes se elevam. Os acusados se defendem. O barulho na sala aumenta enquanto meu coração bate mais depressa.

O juiz faz um sinal para que o sigamos até outra sala, longe do público.

- Faez Ali Thamer, o senhor consumou o casamento? Sim ou não? - pergunta o juiz.

Prendo a respiração.

- Consumeí - admite o monstro. - Mas fui gentil com ela, fui cuidadoso. Não bati nela.

A resposta dele é como um tapa na cara, que me faz lembrar todos aqueles outros tapas, os insultos, o sofrimento.

- Isso não é verdade! - berro, descontrolada de raiva.

Todos se viram para me olhar. Mas sou a primeira a me espantar com a explosão. Depois disso, tudo acontece depressa. O monstro diz que meu pai o traiu quando mentiu sobre minha idade. Aí *aba* fica furioso e diz que ele concordara em esperar até que eu fosse mais velha para me tocar. O monstro anuncia que está disposto a aceitar o divórcio, mas com uma condição: que meu pai devolva o dote. E *aba* replica que nunca recebeu nem um centavo.

É como uma feira! Quanto? Quando? Como?

No fim, sou salva pela decisão do juiz, que anuncia:

- O divórcio será concedido.

16 de setembro de 2008

O divórcio mudou minha vida. Quando saio às ruas, as mulheres me chamam para me dar os parabéns. Recentemente, saí da casa do meu tio e voltei a morar com meus pais. É como se fingíssemos esquecer o que houve.

Meus pais se mudaram para outro bairro. Aqui posso ficar de olho em Haifa. Se alguém ousar pedir a mão dela, protestarei. E, se ninguém me der ouvidos, chamarei a polícia.

Meus pesadelos pararam há algumas semanas. Agora, sonho com a escola. Uma associação humanitária internacional paga a escola para mim e Haifa. Quando crescer, serei advogada como Shada, para defender outras meninas como eu.

Uma das professoras nos convida a sentar nas carteiras. Escolho uma perto da janela. Com meu uniforme verde e branco, sou apenas uma das 50 meninas da classe, aluna do segundo ano da escola primária. Quando voltar para casa, terei exercícios e desenhos coloridos para fazer.

Hoje, finalmente sinto que me tornei uma menina normal de novo. Como antes. Sou apenas eu.

Epílogo: Em abril de 2009, o parlamento iemenita aprovou uma nova lei que eleva a idade de consentimento legal para 17 anos, derrubada no dia seguinte por pressão dos partidos conservadores de oposição. A mudança da idade de consentimento legal ainda está sendo negociada. ■